

RAMADA CURTO

TEATRO

O SAPO
E A
DONINHA

PEÇA EM 3 ACTOS



TEATRO DE RAMADA CURTO

O Sapo e a Doninha

PEÇA EM 3 ACTOS

ulhonor156

1930

J. RODRIGUES & C.^a — EDITORES

185, Rua do Ouro, 188

LISBOA

PERSONAGENS

JOANINHA	25 anos
TIA MARGARIDA.....	70 anos
ANTONIO.....	30 anos
JOSÉ PRUDENCIO.....	32 anos
LUIZA.....	20 anos
SILVESTRE	25 anos
ANGELICA	65 anos
LAURA.....	35 anos

N'UMA QUINTA JUNTO AO MAR

ACTUALIDADE

PRIMEIRO ACTO

A casa de jantar duma herdade, quinta ou casal rustico.

Ambiente de muita rusticidade, sem uma nota moderna. O tempo passou por ali, deixando em tudo a sua *patine*. E' uma casa perdida entre pinhaes, com o mar a pouca distancia.

As paredes são grossissimas, caladas a branco vivo, com silhares de azulejo pobre, a toda a volta. De maneira que as portas baixas e estreitas estão como que encravadas na espessura das paredes. A' D. entre as duas portas, uma pequena lareira de aquecimento, com lume de lenha. Mobilia antiga, de boa madeira, mas sem luxo. Mesa oval, ao centro, guarda louça de vidrinhos, trinchante. Um relógio de pesos, a um canto. Uma arca enorme, entre as duas portas da E., fazendo simetria com a lareira. Na espessura da parede, a meia altura, abre-se uma especie de pequeno desvão, que serve de armario, fechado por uma porta de madeira do lado esquerdo da scena, junto á arca. O F. é uma porta com duas janelas de cada lado, enorme, em arco, de dois batentes, toda em madeira unida que, quando se abre, deixa ver, no mesmo plano da scena, uma clareira, com um pinheiral cerrado por fundo. A' direita deste fundo, uma mancha azul, muito distante, o mar. Por absoluta exigencia de efeitos scenicos, é preciso que o F. de pinheiros seja o mais recuado possivel de modo a que o espectador veja as

personagens que estão na clareira, a regular distancia da porta da casa.

Ao levantar do pano, a mesa ao centro está a começar a ser posta pelas personagens em scena. Ha loiça, talheres, copos, sobre o trinchante. O guarda loiça está aberto. As personagens preenchem o jôgo scenico, indo buscar as loiças, os copos, os talheres, ao armario, ao trinchante, etc. A luz vem de um ou dois candeeiros de petroleo, postos onde mais convier.

SCENA I

TIA MARGARIDA, JOANINHA, ANGELICA

TIA MARGARIDA

(*A Angelica*) E' preciso ires lá dentro ao armario grande e trazes o assucareiro e aquelas chavenas antigas côr de rosa que não estão aqui no guarda-loiça.

ANGELICA

Quais chavenas, menina?

JOANINHA

Eu sei quais são... Deixa lá que eu vou buscá-las...

TIA MARGARIDA

Não sabes, não... Isso sabes tu!

JOANINHA

(Pondo a mesa, enfeitando tudo) Aposto que sei. São umas côr de rosa e douradas, dum serviço muito antigo... Até o assucareiro tem uma asa partida... A tia Julia, que Deus tenha, dizia que elas eram ainda de casa do avô... Tem um homem a cavalo, pintado... São ou não são essas?

TIA MARGARIDA

(Sorrindo) São essas... Mas o que tu não sabes é porque eu as quero...

JOANINHA

(Junto do trinchante onde vai buscar loiça) Também sei...

TIA MARGARIDA

(Com um sorriso) Ora sabes lá! Deitas-te a adivinhar.

JOANINHA

Sei que o Antonio gostava muito delas... Que ao almoço, quando lhe davam outras, não

queria. Sei que uma vez a Angelica partiu uma e ele zangou-se todo... E sei que é por isso que a tia as quiere pôr na mesa...

TIA MARGARIDA

(Num pasmo risonho) E' certo, é! Como tu te lembras...

ANGELICA

Ora se merece a pena! ... Quere lá êle agora saber dos cacos velhos... Eu cá acho que até parece mal pôr isso na mesa, estando aqui estas que são tão lindas e novas.

TIA MARGARIDA

Eu era por galantaria... Agora se acham que parece mal!

JOANINHA

Não parece, não! Tu és uma pateta, Angelica. Leva estas lá para dentro e traz as outras... Despacha-te... E de caminho vai vêr a massa dos sonhos...

TIA MARGARIDA

Os sonhos! Esses é que êle vai estranhar... Quem tinha mão para os sonhos era aquela

que Deus lá tem... Minha pobre irmã, coitadinha! Como ela estaria hoje contente se estivesse aqui com a gente á espera do Antonio...

JOANINHA

Está a vêr-nos do céu, tia Margarida. A sua sombra... está aqui entre nós. E hoje é para ela uma alegria, como para todos.

ANGELICA

(*Para tia Margarida*) Está claro que é... La começa a menina com tristêzas. No dia d'hoje não se fala em quem lá está com os anjos!

TIA MARGARIDA

Se tivesse vivido mais dois anos ainda o via... Na noite em que perdeu a fala — dois dias antes de Deus a levar para si — estava eu a arranjar-lhe a lamparina em cima da comoda e tombei a moldura com o retrato do Antonio. E ela com a voz já muito fraquinha, disse-me: «chega o retrato para a luz, para eu o vêr d'aqui...» Eu fiz como ela queria e parece-me que ainda a oiço, a olhar para o retrato, dizer muito triste: «Onde estarás tu, Antonio, que já te não torno a vêr... Fêz-me tanta pena! Pobre irmã!

ANGELICA

Olha que conversas, para uma noite como esta! Noite de alegria, é que deve ser a d'hoje... (*olhando o fogão*) Deixa-me endireitar esta acha de lume, para arder melhor. Hoje, quere-se muita luz, muita satisfação, que é para não o entristecer, a êle tambem...

JOANINHA

Deixa isso... Vai vêr os sonhos... E de caminho prova a canja. Vê se está apurada...

ANGELICA

Já lá vou... (*n'outro tom*) O que eu estou para ver é se êle já vem jantado... Agora dizem que nos comboios até se come.

TIA MARGARIDA

Mesmo que tenha trazido farnel, a canjinha quente sempre lhe ha de saber bem.

ANGELICA

A menina é que não sabe que no comboio tambem ha comer quente, disse o snr. professor outro dia.

TIA MARGARIDA

Isto pode ser, Joaninha ?

JOANINHA

E' verdade é, sim, tia...

TIA MARGARIDA

Historias ! Onde fazem êles a comida ?

ANGELICA

E' na maquina, se calhar...

TIA MARGARIDA

Senhora do Cabo ! Que invenções !

SCENA II

OS MESMOS, LUISA

LUISA

(Luisa entra á E. com uma travessa de arroz doce) O snr. Silvestre já vem menina Margari-da...

TIA MARGARIDA

E então que novidades traz? A que horas chega o comboio?

JOANINHA

Sempre se arranjou o automovel?

LUISA

Ele já cá vem... Foi recolher a mula e vem aí explicar tudo. E aqui está o arroz-dôce. (*A Joaquinha*) Ora diga lá que não ficou uma belêza!

JOANINHA

Devia ter sido feito ontem... E' capaz de ainda vir quente...

LUISA

Não vem... Estive a arrefecê-lo na agua, como a menina disse. (*A Angelica*) Vá vocemecê olhar por aquilo lá dentro, snr.^a Angelica.

JOANINHA

Ainda ai estás, mulher! Depols se succeder alguma, a culpa é tua.

ANGELICA

Cá vou, cá vou !

TIA MARGARIDA

E o Silvestre que se não demore.

ANGELICA

(Saindo E.) Sim, menina...

SCENA III

OS MESMOS, MENOS ANGELICA

TIA MARGARIDA

O arrôz... Deixa vêr... Tem boa cara. A canela, quem lh'a põe sou eu. Dá cá... *(leva a travessa para cima do trinchante e faz menção de a polvilhar com canêla)* O que êle gostava disto quando era pequenino ! A canela era posta aos quadrados, assim.

JOANINHA

E o arrôz havia de estar duro, bom para cortar á faca.